



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS FLORESTAIS E DA MADEIRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS FLORESTAIS

ANDRÉ TAVARES DE JESUS
FÁBIO LACERDA JUCÁ
LEANDRO SOARES DOS SANTOS
TIMÓTEO PALADINO DO NASCIMENTO
VINÍCIUS PEREIRA DOS SANTOS

**DIALÉTICA: APLICAÇÕES NA METODOLOGIA DA PESQUISA
CIENTÍFICA**

JERÔNIMO MONTEIRO
JUNHO DE 2016

**ANDRÉ TAVARES DE JESUS
FÁBIO LACERDA JUCÁ
LEANDRO SOARES DOS SANTOS
TIMÓTEO PALADINO DO NASCIMENTO
VINÍCIUS PEREIRA DOS SANTOS**

**DIALÉTICA: APLICAÇÕES NA METODOLOGIA DA PESQUISA
CIENTÍFICA**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para aprovação na disciplina de Metodologia da Pesquisa Científica.

Prof. D.Sc. Wendel Sandro de Paula Andrade.

**JERÔNIMO MONTEIRO
JUNHO DE 2016**

RESUMO

A palavra dialética vem do grego, e significa “a arte do diálogo” (dia = reciprocidade ou de troca - trocar palavras ou razões, conversar ou discutir), e, em sentido mais amplo, a arte da discussão (dialectike). O método dialético é uma possibilidade de caminho na construção do saber científico no campo das ciências humanas. Tal método possibilita a compreensão e explicação dos problemas e das contradições que envolvem a produção de explicações sobre os fenômenos sociais, ou seja, a dialética torna-se uma possibilidade à reflexão da prática educativa, dentre outros casos. Este trabalho tem como objetivo abordar de forma sucinta a relação entre dialética, ciência e metodologia científica, apresentando seus aspectos históricos e atuais, buscando relacioná-los e mostrar suas formas de aplicação, tentando focar na forma como a dialética está inserida no contexto científico, e também em nosso dia-a-dia. O método dialético investiga a realidade pelo estudo da sua ação recíproca, da contradição de fenômeno e da mudança que ocorre na natureza e na sociedade. É uma forma de analisar a realidade a partir da confrontação de teses, hipóteses ou teorias e tem origem na Grécia antiga, com filósofos clássicos como Sócrates, Platão, Aristóteles e Heráclito. Quando aplicada à metodologia científica, tem como objetivo, observar de forma mais crítica os acontecimentos descritos através de algum fenômeno, porém, de uma forma mais ampla, buscando não apenas descrever o fenômeno em si, mas suas causas e suas consequências, buscando com isso entender a realidade em sua totalidade. O método dialético nos obriga a revermos o passado diante dos acontecimentos ocorridos no presente, podendo assim, então, questionar o futuro em relação aos mesmos fenômenos estudados. Assim, é necessário compreender a ciência utilizando o método dialético como princípio, e ter a noção de que o aprender e o conhecimento estão influenciados pelo modo e o contexto em que estamos cercados, logo o conhecimento não é algo que acontece de forma instantânea, sendo aplicado de forma gradativa e constante.

Palavras chave: **Método dialético; Ciência; Metodologia científica.**

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	REFERENCIAL TEÓRICO	6
2.1	ASPECTOS HISTÓRICOS E ATUAIS DA DIALÉTICA	6
2.2	A DIALÉTICA E A CIÊNCIA.....	8
2.2.1	A dialética como método científico	8
2.3	DIALÉTICA E A METODOLOGIA CIENTÍFICA.....	11
2.4	LEIS DA DIALÉTICA.....	12
2.5	MÉTODO DIALÉTICO E A REFLEXÃO DA CIÊNCIA.....	15
2.6	MÉTODO DIALÉTICO E A TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO	15
2.7	DIALÉTICA E A EDUCAÇÃO	16
2.8	OS LIMITES DA DIALÉTICA.....	17
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
4	REFERÊNCIAS	20

1 INTRODUÇÃO

Vamos entender o significado da palavra dialética: segundo Foulquié (1979 citado por MARTINS, 2015), dialética é uma palavra que vem do grego, e no sentido literal quer dizer “a arte do diálogo”, e seu prefixo “dia” dá ideia de reciprocidade ou de troca (trocar palavras ou razões, conversar ou discutir), e, em sentido mais amplo, a arte da discussão (*dialectike*). Em nosso dia-a-dia utilizamos praticamente o tempo todo a dialética, que é escopo do atual trabalho.

Historicamente a concepção dialética foi reprimida: empurrada para posições secundárias, condenada a exercer uma influência limitada. A metafísica se tornou hegemônica. Mas a dialética não desapareceu. Para sobreviver, precisou renunciar às suas expressões mais drásticas, precisou conciliar com a metafísica, porém conseguiu manter espaços significativos nas ideias de diversos filósofos de enorme importância.

Na acepção moderna, entretanto, dialética significa outra coisa: é o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação.

O método dialético é uma possibilidade de caminho na construção do saber científico no campo das ciências humanas. Ele torna-se a trajetória percorrida pelo sujeito (pesquisador) na busca de conhecer e perceber-se na construção desse conhecimento do objeto (fenômeno/fato investigado) que se constrói e (des) constrói nas interações entre o sujeito e o objeto.

Tal método dialético possibilita a compreensão e explicação dos problemas e das contradições que envolvem a produção de explicações sobre os fenômenos sociais, ou seja, a dialética torna-se uma possibilidade à reflexão da prática educativa, dentre outros casos que serão abordados mais à frente.

Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo abordar de forma sucinta a relação entre dialética, ciência e metodologia científica, apresentando seus aspectos históricos e atuais, buscando relacioná-los e mostrar suas formas de aplicação, tentando focar na forma como a dialética está inserida no contexto científico, e também em nosso dia-a-dia.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E ATUAIS DA DIALÉTICA

Gadotti (1983) afirma que, ao longo da história, a palavra dialética tomou vários sentidos. Vem sendo difundida desde o século VI a.C por intermédio de Heráclito, que ensinou que tudo o que existe está em transformação, num total processo de mudança constante, e afirmava que “tudo muda tão rapidamente, que não é possível banhar-se duas vezes num mesmo rio”.

O movimento é o atributo fundamental das coisas – sua substância. “A realidade não é apenas Ser, ela não é, por igual, apenas Não Ser. A realidade é uma tensão que liga... Ser e não Ser” (CIRNE LIMA, 1996). Esta postura imputa a Heráclito a criação do princípio de contradição.

Após Heráclito, Parmênides, seu contemporâneo, afirmava que o movimento é ilusão e que a realidade é imutável. Ficou conhecido por ser o responsável pelo princípio de identidade, que vai ser uma espécie de lei fundamental da filosofia ocidental, que pode expressar-se desta forma: $A=A$, isto é, todo ente é igual a si mesmo, ou um objeto não pode ser ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto igual e diferente a si mesmo (SOUZA, 2003).

Ora, é exatamente este princípio de identidade que vai ser questionado pela filosofia dialética de Heráclito, o qual admite que um objeto possa ser ao mesmo tempo, e sob o mesmo aspecto, igual e diferente de si mesmo.

Diante desses dois princípios, do princípio de identidade (Parmênides) e do princípio de contradição (Heráclito), surge Aristóteles (384-322 a.C.). Este optou pelo princípio proposto por Parmênides, criando sobre ele sua Lógica Formal que vai comandar o pensamento durante a Idade Média e parte da Idade Moderna. Explicando a realidade estática a partir de suas essências imutáveis, a lógica dialética parte do princípio de contradição, segundo o qual a realidade é essencialmente processo, mudança, devir (SOUZA, 2003).

No século XVIII, três grandes descobertas científicas contribuíram para isso:

I. A descoberta da célula – todos os órgãos animais e vegetais, sendo constituídos por células, tem uma unidade estrutural que se torna cada vez mais complexa.

II. A descoberta da lei da conservação e transformação da energia (calor, eletricidade, magnetismo, energia química etc) – a energia não pode ser criada nem destruída, mas sim convertida e transformada de uma forma em outra. Por exemplo, a energia mecânica é transformada em calor pelo choque e atrito; o calor das caldeiras é transformado em energia mecânica.

III. A evolução das espécies – a teoria de Darwin a respeito da origem das espécies vegetais e animais, segundo o qual os seres vivos aparecem como consequência do desenvolvimento e transformação através dos tempos.

A partir destas descobertas pode-se afirmar que o mundo é transformação. Tudo muda, a própria história muda. Os homens estão constantemente inventando novos instrumentos de trabalho, mudam a ordem social, mudam a si mesmos. O velho é sempre substituído pelo novo, e cada coisa, ao nascer, já tem em si o germe da sua destruição. Portanto, não há “coisas acabadas”, mas um complexo de processos onde tudo só é estável na aparência.

A partir do século XIX, a dialética tomou o sentido explicitado por Hegel. O trabalho é o conceito-chave para nós compreendermos o que é a superação dialética. Para expressar a sua concepção da superação dialética, Hegel usou a palavra alemã *aufheben*, um verbo que significa suspender. Mas esse suspender tem três sentidos diferentes. O primeiro sentido é o de negar, anular, cancelar. O segundo sentido é o de erguer alguma coisa e mantê-la erguida para protegê-la. E o terceiro sentido é o de elevar a qualidade, promover a passagem de alguma coisa para um plano superior, suspender o nível (KONDER, 2008).

Pois bem: Hegel emprega a palavra com os três sentidos diferentes ao mesmo tempo. Para ele, a superação dialética é simultaneamente a negação de uma determinada realidade, a conservação de algo de essencial que existe nessa realidade negada e a elevação dela a um nível superior.

Portanto, a dialética é a estrutura contraditória do real, que no seu movimento constitutivo passa por três fases: a tese, a antítese e a síntese. Ou seja, o movimento da realidade se explica pelo antagonismo entre o momento

da tese e o da antítese, cuja contradição deve ser superada pela síntese. Eis os três momentos:

- Identidade: tese
- Contradição ou negação: antítese
- Positividade ou negação da negação: síntese

Basicamente, podemos observar os traços fundamentais da Dialética de Heráclito: dois pólos que se excluem: tese e antítese. O terceiro elemento – a síntese.

Por exemplo, tem-se uma ideia a respeito de algo, uma tese (A): "Países com temperaturas mais elevadas são melhores para se viver". Outra pessoa, um interlocutor, não concorda e contra-argumenta: "Não, são países com temperaturas mais baixas que são melhores para se viver". Esta é a antítese (B). Depois de alguma discussão, chega-se a uma conclusão - a síntese (C): "Países com climas amenos são mais agradáveis para se viver."

É justamente assim que no cotidiano a dialética é empregada, mesmo que de forma inconsciente. Toda vez que ideias opostas são conciliadas - em casa, no trabalho, na comunidade - em assuntos diversos. E é por isso que nos jornais que lemos, costumamos encontrar ao menos dois pontos de vistas divergentes sobre um determinado tema, para que possamos fazer uma síntese do que de melhor cada um deles nos apresenta.

2.2 A DIALÉTICA E A CIÊNCIA

2.2.1 A dialética como método científico

De acordo com Archanjo (2009), o método científico é a evolução do conhecimento, desde o conhecimento místico (sobrenatural), passando pela preocupação das religiões em explicar fenômenos da natureza, a utilização de processo silogístico, e a investigação racional da filosofia. Esses processos de conhecimento, aliado ao senso comum, levam o homem a uma imagem do

universo. Porém o homem não se contenta e busca um conhecimento mais exato, chamado de conhecimento científico.

Nesse sentido, o método científico pode ser definido como o conjunto das normas básicas que devem ser seguidas para a produção de conhecimentos que têm o rigor da ciência, ou seja, é um método usado para a pesquisa e comprovação de um determinado conteúdo (MORESI, 2003).

Já o método dialético é o método que investiga a realidade pelo estudo da sua ação recíproca, da contradição de fenômeno e da mudança que ocorre na natureza e na sociedade. Não se limita a apenas questões ideológicas, geradoras de polêmicas. De forma geral, esse método opõe-se a todo conhecimento rígido: tudo é visto em mudança constante, pois há algo que sempre surge e se desenvolve, e algo que desagrega e se transforma (CERVO; BERVIAN, 2002 citados por FARIA, 2014).

A dialética é uma forma de analisar a realidade a partir da confrontação de teses, hipóteses ou teorias e tem origem na Grécia antiga, com filósofos clássicos como Sócrates, Platão, Aristóteles e Heráclito.

Para Platão, a dialética era a própria definição do pensamento científico, ou seja, a dialética era simplesmente a investigação racional de um conceito.

Assim, a dialética é a investigação através da contraposição de elementos conflitantes e a compreensão do papel desses elementos em um fenômeno. O pesquisador deve confrontar qualquer conceito tomado como “verdade” com outras realidades e teorias para se obter uma nova conclusão, uma nova teoria. Assim, a dialética não analisa o objeto estático, mas contextualiza o objeto de estudo na dinâmica histórica, cultural e social.

Mas a dialética só se torna método científico a partir de Karl Marx, que critica o idealismo da filosofia clássica alemã e propõe a dialética materialista, ou seja, a utilização do pensamento dialético como método de análise da realidade, utilizando a própria realidade como argumento.

Durante a Idade Média, devido à influência dos estudos dos textos gregos, alguns teólogos trataram a dialética como um exercício de contraposição de ideias e argumentos até se chegar a um conceito que fosse irrefutável racionalmente e correspondesse à fé cristã.

Com a Renascença e a valorização do homem como o centro do universo, através do movimento humanista, o pensamento filosófico e

especulativo conseguiu se desprender da teologia e passou a refletir sobre os fenômenos físicos, sociais e políticos sem a tutela dos dogmas religiosos. Pensadores como Galileu Galilei, Giordano Bruno, Maquiavel, Montaigne e mesmo Thomas Hobbes contribuíram, através de suas análises, com a retomada da concepção dialética, ressaltando elementos típicos da dialética, tais como: as ideias de contradição, mediação, transformação e movimento constante.

Durante o Século XVIII, o Iluminismo, corrente filosófica que correspondia aos interesses da burguesia em ascensão, contrapunha-se à intervenção dos dogmas religiosos nas ciências e na explicação da sociedade e da política. Na França, filósofos como Diderot e Rousseau demonstravam que eram os conflitos e as contradições sociais que moviam tanto a política quanto a própria sociedade e que os indivíduos de uma sociedade influenciavam na formulação do modelo dessa sociedade, assim como eram influenciados por ela.

Mas foi com Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770–1831) que a concepção dialética foi retomada, num patamar que resgatava o pensamento iraquiano. Para Hegel, o que regeria o nosso conhecimento e a nossa razão seria a existência de um Espírito Universal (chamado de “logos”) que se exterioriza na natureza e na cultura (DCE UNIFESP, s.d.).

Esse Espírito seria a razão, e a partir do momento em que essa razão se move e opera no universo, ela o descobre e o transforma. Ao transformar o universo, esse Espírito se reconhece em suas obras e adquire um maior conhecimento de si e do mundo, elevando-se a um estágio superior de entendimento, justamente um entendimento racional, com base em fatos e que dá clareza que para que se entenda todo o problema.

Para Aristóteles, existem três usos possíveis da dialética. Um referente ao exercício pessoal, isto é, do indivíduo consigo mesmo que busca se preparar educando e treinando sua mente através de raciocínios. Outro que se refere ao debate em público, em virtude de discussões de ordem política, onde há defesa de um determinado posicionamento, tendo outrem como adversário e possivelmente um público como árbitro, cuja finalidade pode ser judiciária e/ou política. E por fim, há um uso relativo à ciência, a qual para Aristóteles é sinônimo de filosofia, que o denomina uso relativo às “ciências filosóficas”.

Há, nesse ponto, um uso cognitivo da dialética, o qual permite conhecer o verdadeiro e o falso e daí ser a dialética um bom instrumento ou método da própria filosofia, ainda que permaneçam diferenças inegáveis entre ambas.

2.3 DIALÉTICA E A METODOLOGIA CIENTÍFICA.

A dialética, aplicada à metodologia científica, tem como objetivo, observar de forma mais crítica os acontecimentos descritos através de algum fenômeno, porém, de uma forma mais ampla, buscando não apenas descrever o fenômeno em si, mas suas causas e suas consequências, buscando com isso entender a realidade em sua totalidade (DINIZ; SILVA, 2008).

Portanto, um pesquisador, ao aplicar o método dialético a seus trabalhos, não deve estar apenas voltado a entender os acontecimentos observados, e sim conhecer as causas que, e como ele pode influenciar a vida da sociedade, logo a aplicação do método dialético, abre horizontes para maiores discussões acerca de um dado acontecimento.

Nesse sentido, Konder (1998), afirma que o método dialético nos obriga a revermos o passado diante dos acontecimentos ocorridos no presente, podendo assim, então, questionar o futuro em relação aos mesmos fenômenos estudados.

De uma forma geral, o método dialético está aplicado de uma forma mais presente nas ciências humanas, que buscam entender de uma forma mais intensa o porquê, para quê e como os fatos se apresentam, e como o seu acontecimento se torna uma questão de interesse científico e social (DINIZ; SILVA, 2008).

De uma maneira geral, a dialética como método de pesquisa não faz distinção entre a forma de se repassar o conhecimento adquirido a partir de sua utilização, podendo ser encontrada tanto de forma escrita ou de forma verbal. O que se espera é que haja condições de transmissão de conhecimento por meio desse método, sendo necessário que ambos possam levar a quem busca conhecer o método dialético a capacidade de obter informações, e a

partir dela gerar o questionamento, observando assim os fenômenos de forma mais crítica.

Podemos observar o emprego do método em aulas, palestras, seminários etc, meios que busquem demonstrar a capacidade dos ouvintes em adquirir informações mais aprofundadas, ou mesmo não julgar determinado fenômeno apenas pela superficialidade do mesmo. Temos exemplos quando vemos artigos científicos, teses e dissertações que envolvam o leitor a conhecer causas e consequências, entender o ritmo em que o fenômeno ocorre e o contexto em que ele está inserido, fazendo assim com que se concretize a ideia de que não existem distinções para o emprego do método dialético.

2.4 LEIS DA DIALÉTICA

Engels, com base no princípio de Marx em que a dialética humana está relacionada à natureza e ao espaço no qual estão inseridos, realizando observações na natureza, chegou à conclusão de que as leis da dialética, tanto humanas como da natureza, seguem os princípios de leis descritos por ele como “leis da dialética” (KONDER, 1997).

Tais leis são mostradas a seguir: Primeira lei – Lei da passagem da quantidade à qualidade (e vice-versa); Segunda lei – Lei da interpretação dos contrários; Terceira lei – Lei da negação da negação.

Primeira lei da dialética (lei da passagem da quantidade à qualidade): as mudanças resultantes de determinado fenômeno não ocorrem em um tempo pré-definido, quase sempre não obedecendo a ritmo, é um processo gradativo que passam por períodos lentos e acelerados que ao final resultam no fenômeno como um todo.

A primeira lei se refere ao fato de que, ao mudarem, as coisas não mudam sempre no mesmo ritmo; o processo de transformação por meio do qual elas existem passa por períodos lentos (nos quais se sucedem pequenas alterações quantitativas) e por períodos de aceleração (que precipitam alterações qualitativas, isto é, “saltos”, modificações radicais (KONDER, 2008, p. 56).

De acordo com a primeira lei da dialética, o pesquisador deve ser um sujeito crítico de um determinado fenômeno, o avaliando criteriosamente sem tomar para si somente o fenômeno como uma resposta. É preciso as causas que fazem com que ele venha a ocorrer, tornando assim possível obter resposta que validem suas teorias.

A aplicação da primeira lei da dialética em um estudo tem como um objetivo a compreensão total, sendo que para isso é necessário que o pesquisador se valha não apenas de seu conhecimento técnico-científico, mas de sua avaliação e sensibilidade humana.

Segunda lei da dialética (lei da interpretação dos contrários): nada acontece de forma isolada, logo, tudo está relacionado com tudo, todos os aspectos da realidade em algum momento se entrelaçam, portanto torna-se impossível compreender algo de forma isolada sem entender a conexão que a mesma tem com as demais coisas que a cercam. Vejamos o que foi escrito por Konder (2008, p. 56):

“A segunda lei é aquela que nos lembra que tudo tem a ver com tudo, os diversos aspectos da realidade se entrelaçam e, em diferentes níveis, dependem uns dos outros, de modo que as coisas não podem ser compreendidas isoladamente, uma por uma, sem levarmos em conta a conexão que cada uma delas mantém com coisas diferentes. Conforme as conexões (quer dizer, conforme o contexto em que ela esteja situada), prevalece, na coisa, um lado ou outro de sua realidade (que é intrinsecamente contraditória). Os dois lados se opõem e, no entanto, constituem uma unidade (e por isso esta lei já foi também chamada de unidade e luta dos contrários).”

Portanto, conhecendo o fenômeno, com suas causas, e atribuindo a ele um contexto, com base em tudo aquilo que o cerca, é possível obter uma resposta sobre o fato. Porém, para toda possível resposta encontrada para um fenômeno, se tem uma negativa, que compõe, ao final de uma observação, inúmeras explicações ao fenômeno ocorrido.

Aplicar a segunda lei da dialética à metodologia científica faz com que o pesquisador tenha a necessidade de avaliar, além do fenômeno, suas causas, e também o meio em que o mesmo ocorre, fazendo assim com que todas as variáveis possíveis para o entendimento de dado fenômeno possam estar presentes na observação realizada por ele.

Terceira lei da dialética (lei da negação da negação): por fim as respostas encontradas a partir de uma observação não são conclusivas a respeito de um fenômeno, a realidade é muito maior do que qualquer afirmação e/ou negação que possa ser inferida para dado fenômeno. Sempre será desconsiderada alguma variável, fazendo assim com que a realidade esteja em constante movimento. Konder (2008, p. 57) fez as seguintes considerações sobre esta lei da dialética:

“A terceira lei dá conta do fato de que o movimento geral da realidade faz sentido, quer dizer, não é absurdo, não se esgota em contradições irracionais ininteligíveis, nem se perde na eterna repetição do conflito entre teses e antíteses, entre afirmações e negações. A afirmação engendra necessariamente a sua negação, porém a negação não prevalece como tal: tanto a afirmação como a negação são superadas e o que acaba por prevalecer é uma síntese, é a negação da negação.”

Toda a resposta encontrada a um dado fenômeno gerará negações o que gera uma ampla discussão sobre determinado assunto, sendo assim possível a criação de teses e antíteses para o mesmo. Porém, como nenhuma resposta torna-se conclusiva, o que prevalece é uma síntese ou como denomina Engels, o que prevalece é a negação da negação.

Um pesquisador que aplique a terceira lei da dialética em seus trabalhos está ciente de que suas respostas para determinado fenômeno não são conclusivas, nesse sentido está aberto para contestações e pronto para o confronto de ideias, abrindo com isso diversas possibilidades para a determinação da realidade sobre o fato observado.

A utilização das três leis da dialética, aplicadas à metodologia científica, faz com que os pesquisadores tenham a consciência de que nenhuma resposta é o ponto final de determinado problema de pesquisa, porém é um fragmento da realidade que impulsionará outros pesquisadores a estudarem aquele tema, além disso nenhum fenômeno ocorre de forma isolada sempre está relacionado a um contexto, amplificando com isso problemas de pesquisa.

2.5 MÉTODO DIALÉTICO E A REFLEXÃO DA CIÊNCIA

Como já demonstrado, a utilização do método dialético na ciência traz um ponto de interrogação para o pesquisador, fazendo assim com que a visão crítica do mundo esteja cada vez mais presente em pesquisas científicas, deixando de lado as aparências dos fenômenos. Logo, o fenômeno é a verdade escondida nas relações em que ele acontece.

Assim, é necessário compreender a ciência utilizando o método dialético como princípio, e ter a noção de que o aprender e o conhecimento estão influenciados pelo modo e o contexto em que estamos cercados, logo o conhecimento não é algo que acontece de forma instantânea, sendo aplicado de forma gradativa e constante.

2.6 MÉTODO DIALÉTICO E A TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO

Outro aspecto a ser abordado pelo método dialético, segundo Konder (1997), é o modo com o qual os resultados são apresentados à sociedade. Temos, atualmente, que as informações são repassadas de forma a atender aos interesses das classes que dominam a sociedade. Com isso, é necessário que haja uma boa relação entre quem está passando a informação e quem a recebe, pois, todos os envolvidos na passagem do conhecimento possuem o mesmo grau de importância na transmissão de conhecimento.

O processo do conhecimento é realizado por meio de informações adquiridas ao decorrer do tempo de forma contínua e gradativa. Nesse sentido, é muito importante que haja um processo aberto ao diálogo com afirmações e negações calcadas em discussões científicas e de forma crítica, voltadas às informações com relevância social e política. Desse modo, a aplicação da dialética na metodologia científica se faz necessária para a melhoria dos trabalhos científicos.

2.7 DIALÉTICA E A EDUCAÇÃO

Segundo Freire (1982), em uma sociedade de classes, a educação tem uma função política de criar as condições necessárias à hegemonia da classe trabalhadora. Esta hegemonia defendida pelo estudioso implica no direito de todos participarem efetivamente da condução da sociedade, em poder decidir sobre sua vida social; supõe direção cultural, política ideológica. As condições para hegemonia dos trabalhadores passam pela apropriação da capacidade de direção. A Educação é projeto e processo. Seu projeto histórico é explícito: criação de uma nova hegemonia, a da classe trabalhadora. O ato educativo, cotidiano não é um ato isolado, mas integrado num projeto social e global de luta da classe trabalhadora.

A educação dialética é processo de formação e capacitação: apropriação das capacidades de organização e direção, fortalecimento da consciência de classe para intervir de modo criativo, de modo organizado, na transformação estrutural da sociedade. De acordo com Freire (1982), essa educação é libertadora na medida em que tiver como objetivo a ação e reflexão consciente e criadora das classes oprimidas sobre seu próprio processo de libertação.

Podemos fazer o seguinte questionamento: o que esperar de um professor que ensinar por ensinar? o professor dialético assume a direção, ele intervém. Destacamos que o professor deve ser mediador do diálogo do aluno com o conhecimento e não o seu obstáculo. O professor não se faz um igual ao aluno, assume a diferença, a assimetria inicial. O trabalho educativo caminha na direção da diminuição gradativa dessa diferença. Dirigir uma sala de aula é ter uma proposta clara do trabalho pedagógico. É fazer propostas e não impor.

A partir destas informações podemos chegar a algumas ponderações no uso da dialética nas práticas metodológicas. A estas ponderações surgem elementos que nos levam a realizar nosso objeto de interesse em: prática – teoria – prática. Podemos argumentar usando das seguintes concepções: partir da prática correta: perguntar, problematizar a prática. São as necessidades práticas que motivam a busca do conhecimento elaborado.

Tais necessidades constituem o problema: aquilo que é preciso solucionar. É preciso, pois, identificar fatos e situações significativas da realidade imediata. Teorizar sobre a prática: ir além das aparências imediatas. Refletir, discutir, buscar conhecer melhor o tema problematizado, estudar criativamente. Voltar a prática para transformá-la: voltar a prática com referenciais teóricos mais elaborados e agir de modo mais competente. A prática é o critério de avaliação da teoria. Ao colocar em prática o conhecimento mais elaborado surgem novas perguntas que requerem novo processo de teorização abrindo-nos ao movimento espiralado da busca contínua do conhecimento (SANTOS, 2002).

2.8 OS LIMITES DA DIALÉTICA

Segundo Egrý (2006), privilegiar um saber teórico que é a negação dialética pode levar à dogmatização das leis da dialética. Se a relação teórica e prática, enquanto práxis, é uma relação dialética, a teoria não pode se constituir separadamente da prática que lhe dá o conteúdo para pensar e vice-versa. Isto mostra quão frágil é a relação entre a dialética teórica e prática, quando não andam juntas, é percebido defasagem nestas situações levando à falta de contextualização. Isto também é o reflexo da não aplicação das leis da dialética: lei da passagem da quantidade à qualidade, lei da interpretação dos contrários e lei da negação da negação. Podemos notar na citação de um trecho da obra “Perspectiva do homem”, de Garaudy (1968 citado por ARANHA, 1994, p. 91), onde tal limite é ilustrado:

“Na realidade, não se pode fixar de uma vez por todas, um sistema fechado de leis dialéticas à maneira das formas lógicas de Aristóteles ou de Santo Tomás, das categorias de Kant ou da lógica de Hegel. O método e os princípios do marxismo exigem que estudem as leis da dialética, não como as formas imutáveis de uma razão absoluta, mas como um balanço, para cada grande período histórico, das vitórias da racionalidade. A dialética não é nem uma razão constituinte transcendente à história que ela informa, nem uma razão constituída, esclerosada e coagulada numa etapa de seu desenvolvimento, nem uma simples hipótese de trabalho que se abandona do mesmo modo como foi escolhida, simplesmente por sua comodidade, mas sim o produto de uma epigênese (teoria da transformação dos seres por

gerações graduais) histórica: cada etapa de seu desenvolvimento consolida o adquirido no momento mesmo em que é superado. É o arcabouço de uma história que se está fazendo.”

Segundo Konder (1998), uma das características fundamentais da dialética é o espírito crítico e autocrítico. Isto quer dizer que os dialéticos devem estar constantemente dispostos a rever interpretações em que se baseiam para atuar. Sua função não é tornar determinadas pessoas plenamente satisfeitas com elas mesmas, pois a filosofia/método dialética incita a revermos o passado à luz do que está acontecendo no presente, questionando o mesmo presente em nome do futuro, o que está sendo em nome do que “ainda não é”.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dialética é empregada por nossa sociedade para a resolução de simples problemas do dia a dia, sendo assim desde sua origem, em tempos antes de Cristo, com seus precursores, os filósofos da Grécia antiga, como Sócrates, Platão, Heráclito e Aristóteles. Dialética significa “a arte do diálogo”, ou seja, em um sentido mais amplo significa a arte da discussão. Tais discussões são baseadas na confrontação de teses, que geram hipóteses e que chegamos uma síntese dessas ideias, e temos a liberdade de aceitar ou não o que foi proposto pela tese.

Esta ferramenta do diálogo humano, considerada por muitos estudiosos como uma ciência filosófica, é encontrada na metodologia científica, tendo como objetivo observar de forma mais crítica os acontecimentos descritos a partir de um fenômeno, buscando entender e explicar sua causa, seu porquê.

A dialética segue três leis fundamentais as quais são seguidas à risca para serem utilizadas como ferramentas de transformação. São elas a lei da passagem da quantidade à qualidade, lei da interpretação dos contrários e a lei da negação da negação.

Na educação dialética, é necessário que haja formação e capacitação, na qual o professor ou mestre deve-se apropriar das capacidades de organização e direção, fortalecer a consciência para intervir de modo criativo, de modo organizado, na transformação estrutural da sociedade.

A principal características da dialética é o espírito crítico e autocrítico. Isto significa que os dialéticos devem estar constantemente dispostos a rever interpretações em que se baseiam para atuar, e nunca devem tomar como base uma verdade absoluta, sempre buscando outras informações relacionadas ao fenômeno.

4 REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: Introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1994. 395 p. Disponível em: <http://joinville.ifsc.edu.br/~sergio.sell/m%C3%B3dulo%204/Filosofando%20Ara%20nha.pdf>. Acesso em: 26 maio 2016.

ARCHANJO, A. B. **Pesquisa**: método científico, métodos de abordagem e métodos de procedimento. Alegre, ES: Universidade Federal do Espírito Santo, set. 2009. (Pesquisa). Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAATPwAD/metodologia-cientifica>. Acesso em: 28 maio 2016

CIRNE LIMA, C. R. V. **Dialética para Principiantes**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. (Col. Filosofia – 48). Disponível em: <http://www.academia.edu>. Acesso em: 29 abr. 2016.

DCE UNIFESP. **Introdução ao materialismo dialético**. DCE UNIFESP, São Paulo, s.d. Disponível em: <http://dce.unifesp.br/textos/materialismo.pdf>. Acesso em: 18 maio 2016.

DINIZ, C. R.; SILVA, I. B. da. **O método dialético e suas possibilidades reflexivas**. Campina Grande, Natal: **UEPB/UFRN – EDUEP**, 2008. 23 p. Disponível em: file:///C:/Users/F%C3%A1bio/Downloads/met_cie_a05_m_web_310708.pdf. Acesso em: 30 maio 2016

EGRY, E. Y. Compreendendo a dialética na aproximação com o fenômeno saúde-doença. In: EGRY, E. Y.; CUBAS, M. R. **O trabalho da enfermagem em saúde coletiva no cenário**. Cipesc: guia para pesquisadores. Curitiba: ABEn-EEUSP, 2006. p. 63-84.

FARIA, G. R. **Estudo de caso sobre o impacto do planejamento tributário para uma empresa do agronegócio**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Contábeis) – Universidade de Rio Verde, 2014. 44 f. 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. 934 p.

GADOTTI, M. **Concepção dialética de Educação**: um estudo introdutório. São Paulo: Cortez, 1983. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/179499006/Concepcao-dialetica-da-educacao-Moacir-Gadotti-pdf>. Acesso em 15 maio 2016.

KONDER, L. **O que é dialética?** São Paulo: Brasiliense, 1997. 23 ed. 87 p. (Coleção Primeiros Passos).

_____. **O que é dialética?** São Paulo: Brasiliense, 1998. 23 ed. 88 p. (Coleção Primeiros Passos).

_____. **O que é dialética?** São Paulo: Brasiliense, 2008. 23 ed. 87 p. (Coleção Primeiros Passos).

MARTINS, N. **Caminhos para uma práxis transformadora: possibilidades de um processo formativo.** 2015. 90 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2015. Disponível em <http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/NATHALIA%20MARTINS%20OCAMINHOS%20PARA%20UMA%20PRAXIS%20TRANSFORMADORA%20POSSIBILIDADES%20DE%20UM%20PROCESSO%20FORMATIVO.pdf>. Acesso em: 25 maio 2016.

MORESI, E. **Metodologia da Pesquisa.** Brasília: UCB, 2003. 106 p. Disponível em: ftp.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/1370886616.pdf. Acesso em 29 maio 2016.

SANTOS, A.; SANTOS, A. dos C. S. **Da disciplinaridade à transdisciplinaridade:** obstáculos epistemológicos. Apresentação de trabalhos da disciplina Epistemologia e Ciência do Programa de Doutorado em Ciências Veterinárias/UFRRJ, 2002. Disponível em: http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/T2SF/Akiko/21-Da_disciplinaridade_a_transdisciplinaridade.pdf. Acesso em: 29 maio 2016.

SOUZA, G. L. **Dialética** – resumo histórico e conceituação. Associação de Ensino Unificado do Distrito Federal – AEUDF, Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.periodicos.unb.br>. Acesso em: 4 maio 2016.